

O paradoxo vincular no casal: desejo, constituição e morte. Um caso clínico *de matar*¹

The paradoxal couple's bond: desire, constitution and death. A *mortal* clinical case

Lisie Ellwanger Moreira Treiguer²

RESUMO: O estudo aborda a questão paradoxal inerente aos vínculos, em sua perspectiva constitutiva, de desejo e de morte. Para ilustrar o paradoxo de morte, conto de um atendimento vincular de um casal, no qual este último paradoxo imperava, impedindo-os de separarem-se.

SUMMARY: This article tackles the paradox issue inherent to the bonds, on its constitutive, desirable and mortal perspective. To illustrate the mortal paradox, I tell about a couple's bond treatment, in which this last mentioned paradox reigned.

Descritores: Vínculos, vínculos de casal and discurso paradoxal.

Keywords: bond, couple's bond and paradoxal discourse.

1 Trabalho realizado no ICPT no Departamento de Psicanálise das Configurações Vinculares.

2 Membro do IC, Psicóloga, Psicanalista de Configurações Vinculares.

Para Berenstein (1998), cada sujeito vive simultaneamente em três mundos: mundo interno (intra-subjetivo), mundo vincular (intersubjetivo) e mundo sócio-cultural (transubjetivo). O mundo vincular é uma denominação teórica que representa um espaço, uma entidade simbólica, um registro que se constitui a partir das relações entre as pessoas, entre os egos e que tem lugar no mundo externo. Portanto, chama-se de dimensão intersubjetiva o que se passa no vínculo entre dois ou mais egos, inseridos em um contexto. Spivacow (2002) define um vínculo, desde a perspectiva intersubjetiva como

"(...)a estrutura básica do funcionamento mental: um espaço de interinfluência e determinação psíquica, gerado pelos investimentos recíprocos de dois ou mais sujeitos cujos psiquismos são abertos".

Puget e Berenstein (1993) definem casal como uma estrutura vincular entre duas pessoas de sexos diferentes que estabelecem o compromisso de fazer parte desta estrutura. O desamparo originário e a diferença entre os sexos são bases para a definição da estruturação de um casal. O termo *casal* seria referente à conjugal e matrimonial, ou, conforme a antropologia, relação de aliança ou aliança matrimonial. Para que o casal possa ser reconhecido como uma estrutura, definiram parâmetros específicos: Cotidianidade, projeto vital compartilhado, relações sexuais e tendência monogâmica. Pahn e Woscoboinik dizem que *paradoxo* é a palavra escolhida pelos autores da teoria das configurações vinculares para designar *uma forma de contradição, com uma lógica específica, a da ambigüidade, diferente da ambivalência, característica do conflito*. Desde esta perspectiva vincular haveria dois tipos de situações paradoxais: os *paradoxos estruturantes ou constitutivos* do vínculo; e os *paradoxos patológicos*.

Este estudo motiva-se no atendimento de um casal onde o *paradoxo de morte, patológico* estrutura a operatividade vincular, o que, evidentemente é paradoxal e nos propomos, então, à revisão destes dados e a descrição da clínica vincular.

O Paradoxo do Desejo

A partir do entendimento de Lacan e Aulagnier sobre a pulsão, Rienzo (2004), num olhar que vai do sujeito na direção do vínculo, e não do vínculo em direção ao sujeito, direção que fica como a segunda alça, o segundo liame, diz que desde a perspectiva vincular, a pulsão é tida como marca principal, originária da situação de encontro. Pulsão inconsciente, de máxima interioridade, que representa o que há de mais alheio para o próprio sujeito. A vida vincular pressupõe um permanente conflito e intercâmbio do trânsito entre: *primário* (gozo); *originário* (princípio do prazer); *secundário* (princípio de realidade). Neste viés, o vínculo é pensado como produção entre sujeitos com níveis conscientes e inconscientes, onde estão três dimensões: *narcísica*; *simbólica*; e da ordem da *satisfação pulsional*. As pulsões são indispensáveis para o vínculo de casal, porque a cada encontro, as energias são lançadas ao

vínculo, reformuladas e retomadas. Este movimento tem como função a integração totalizadora do amor e da dimensão simbólica da falta inerente ao desejo, possibilitando a postergação da satisfação imediata. Para Rienzo, o desejo não é vincular, mas une; e a união gera desejo. Já Spivacow (2002) partindo da idéia de que há semelhanças e diferenças no encontro entre os sujeitos do vínculo mostra que pode haver coincidência ou divergência entre a fantasia de cada um deles. Também há, no outro, o que se chama de *alheio*, isto é, algo do outro o qual não é possível ter acesso, que é incompartilhável. Dentro desta idéia, para o vínculo, são feitos acordos e pactos inconscientes que têm a função de manter tanto o intercâmbio e os papéis no vínculo, quanto o equilíbrio narcísico de cada parceiro.

Kleiner e Pachuk (1996) pensam que a zona de encontro sexual é algo a ser construído pelo casal e que esta construção tem a peculiaridade paradoxal de conter o novo (relação atual) e a repetição (relação parental). A complexidade deste encontro se dá devido à confluência de desejo, mistério e angústia. O desejo, que tem início na vida dual com a mãe, vem carregado da angústia de castração que atravessa a mãe. O desejo aparece, então, como vivência de satisfação, por parte do bebê devido à angústia de desamparo; por parte da mãe devido à angústia de castração. Isto é, a angústia é um resto inconciliável do desejo. A partir da angústia de castração se dá o reconhecimento das diferenças sexuais e o desejo de buscar um objeto exogâmico de sexo oposto. O mistério da cena primária impulsiona para a busca de seu desvelamento com o(a) atual parceiro(a).

"Amor e gozo se articulam e desarticulam no curso da conjugalidade. O amor implica uma dimensão narcisista; a fascinação pelo objeto exige completude e estabilidade. O gozo, ao contrário, é parcial, se deleita com algo do corpo; o gozo erótico é sempre com uma parte do objeto" (KLEINER; PACHUK, 1996, p113).

Para eles, o gozo e o amor acontecem de forma diferente para o homem e para a mulher, e ao mesmo tempo só podem alcançá-los juntos. Para que isto seja possível, cada um deve assumir sua singularidade, sem "perder de vista" o outro. Portanto, transita no coito certo nível de sofrimento e hostilidade, os quais devem processar-se junto ao desejo e à angústia, que são fontes de ambivalências. A ambivalência da mulher aparece na hostilidade contra o homem, porque a expõe socialmente, por ter tirando sua integridade corporal, rompendo-lhe o hímen. A ambivalência do homem aparece no conflito entre desejo genital pela esposa versus fantasmas infantis relativos a uma mãe que ameaça seu pênis. No coito, ambos se deparam com a falta, que impulsiona o desejo, mas gera angústia, hostilidade, desejo de domínio e devem tolerar a decepção mútua frente aos incomparáveis objetos edípicos idealizados.

"Surge então um jogo fantasmático com múltiplas variáveis: anseio e temor de castrar e ser castrado, desejo de danificar e ser danificado, certa erotização da dor e certa dose de agressividade" (p115).

O que vai estruturando e desestruturando o vínculo de casal é este

interjogo entre desejo e angústia, ausência (desamparo) e proibição (proveniente da angústia de castração) inerentes à relação sexual. A partir de acordos e pactos, a angústia se liga e torna possível o encontro sexual do casal. Kleiner e Pachuk (1996) apontam que, na genitalidade, estão presentes aspectos da sexualidade infantil e aspectos da maturidade fisiológica, carregados de libido sexual. O investimento do parceiro de outro sexo seduzirá ao ato sexual, que erotiza novas zonas de intercâmbio. Este encontro com o diferente incrementa a pulsão e permite a união sexual, que, paradoxalmente, encontra o gozo, o *nirvana*, a completude. Busca-se o outro para ser um só completo. Outro paradoxo implicado na relação sexual é o da procriação, porque ela implica em conservação da espécie como efeito da pulsão genital, que é a função mais desgarrada da autoconservação. Para estes autores, o paradoxo que atravessa a vida erótica do casal é constitutivo. A sexualidade e o objeto edípico que cada um tem reconhecido veio dos pais. Portanto, o objeto atual deverá ser suficientemente parecido com o objeto primordial para ser desejado, mas, ao mesmo tempo, suficientemente diferente para não ser proibido. O paradoxo implica no trabalho psíquico de manter, simultaneamente, o erótico e o amoroso, de manter a cotidianidade, o conhecido e o diferente, o desconhecido e o atraente. As relações sexuais estão prescritas no casamento e tem a função sócio-cultural de preservação da espécie. O casal pactua pela monogamia, mas para desejar tem que ter o objeto primordial em mente. A cotidianidade e a prescrição das relações sexuais não garantem a circulação do desejo e certa transgressão e enigma é condições do erotismo. Para se estar em um vínculo erotizado e amoroso é preciso poder circular entre os níveis de hierarquização das diferenças: do pré-genital ao genital, do narcísico ao edípico, reformular mitos, acordos e pactos, cada vez mais e mais complexificando o vínculo.

O Paradoxo Constitutivo versus o Paradoxo de Morte

Pahn e Woscoboinik, como já dizia Winnicott, em 1951, insistem que a criança se constitui psicologicamente dentro de um paradoxo maturativo, desenvolvendo *a capacidade de estar só na presença do outro*, por exemplo. A constituição, sustentação e o enriquecimento do casal também requer o reconhecimento e a aceitação de certas situações paradoxais denominadas paradoxos estruturais e constitutivos. Ou seja, o paradoxo é condição básica para estar-se em um vínculo, para mantê-lo e desenvolvê-lo. *Pode-se aceitar ou negar, mas não se pode resolver um paradoxo*. Alguns dos paradoxos estruturantes do vínculo de casal são: *endogamia-exogamia, encontro-desencontro, prazer-sofrimento, a capacidade de estar só na presença do outro e sentir-se acompanhado estando só e a rotina-novidade implicada na cotidianidade*. O paradoxo não se resolve pois cada termo do paradoxo está em nível diferente. Por exemplo: prazer não é, nem pode ser sofrimento e sofrimento não é, nem pode ser prazer em si.

Rienzo (2004) pergunta:

“Como fazer um nós (dois) sem perder a singularidade?” (p2).

Ainda:

"A constituição de um casal remete ao enfrentamento com a diferença sexual e com a imposição da presença do outro. Outro que é um semelhante, um diferente opaco para si e para o outro do casal. Um sujeito como je (eu), que ama, deseja e goza para situar a diferença como o moi (mim), sede das identificações" (p2).

Kleiner e Pachuk (1996) expõem que o vínculo, que é depositário da loucura, também a promove, porque o vínculo de casal, ao mesmo tempo em que é constituinte, produz confusão e ataque ao sentimento de repetição. Pahn e Woscoboinik apontam para um *paradoxo patológico* numa relação de casal onde, por exemplo, *sofrimento e prazer se confundem*, apresentando-se como resultado o predomínio de *ambigüidade* (não da ambivalência, do conflito) e *confusão*. Dentre os paradoxos patológicos, destacam os paradoxos *pragmáticos* e a *defesa paradoxal*. Ambos são fenômenos do vínculo, oriundos da aliança entre a pulsão de um que tende a destruir o psiquismo do outro e a pulsão de autodestruição. O paradoxo pragmático, que acontece na prática com o outro, seria *o estabelecimento contínuo e repetido de um tipo de comunicação paradoxal proveniente de um dos integrantes do casal que afeta o outro*. Este tipo de comunicação, a que chamam de instruções paradoxais, pode ser *explícita* ou *implícita*; contém formas de desqualificação e/ou desaprovação ou de predição e/ou antecipação de fatos que dizem respeito ao outro. Por exemplo:

*"Eu tinha certeza que tu ias dizer isto e fazer aquilo **deste** jeito (desprezível)".*

A palavra *desprezível* está implícita no discurso. A *certeza de prever* o que o outro vai dizer e fazer descarta a possibilidade de haver dois discursos diferentes, duas pessoas. Impede que sejam vistos como um e outro, ficando presos, sem saída dentro de um discurso único - *objeto único*. Ainda para Pahn e Woscoboinik, a *defesa paradoxal* é uma formação de compromisso, inconsciente, a serviço da preservação contra uma angústia profunda. É um recurso egóico inconsciente de um dos integrantes do casal, que *sente que as atitudes do outro o colocam em uma situação de dívida impagável*. Os *paradoxos patológicos* prejudicam a capacidade de pensar de ambos, já que afeta as funções próprias do processo secundário. Os integrantes do casal ficam imobilizados e incapazes de empatia um com outro, prevalecendo somente a vontade de um e outro, isto é, a arbitrariedade.

Sobre a Clínica

Marcos (49 anos) buscou atendimento para ele e a esposa Mariana (45 anos) e o motivo inicial da busca foi o fato de Marcos querer se separar de Mariana e ela não. Ele sente que de um tempo para cá mudou muito e percebeu que a mulher não estava mais sendo feliz com ele e, conseqüentemente, ele também não estava feliz. Quer resolver a situação da melhor forma possível, para evitar que Mariana fique magoada e brigue! Mariana não aceita a mudança de Marcos como motivo para separarem-se e

pede mais explicações a ele; exige que ele lhe dê um motivo mais concreto. Marcos diz que quer buscar seu espaço. Mariana diz que não vive sem ele: "Parece que o amor dele acabou e o meu aumentou". É um casal que aparentemente não combina: ele bem vestido, magro, sério; ela com aspecto descuidado, infantil. Ele muito decidido; ela muito triste. São casados há 24 anos, têm duas filhas, com 22 e 18 anos. Namoraram quatro anos antes de casar, conheceram-se no trabalho. Mariana diz que foi ela que propôs o namoro e o casamento. Contam que decidiram comprar uma casa para casarem-se e a casa foi quitada no mês anterior à busca de tratamento. Já não mantinham relações sexuais havia alguns meses; Mariana disse que Marcos sempre esteve só de corpo presente, não sentia a presença dele. Noto que não usam aliança e quando questiono sobre isto, eles dizem que depois de dois anos de casamento ele tirou a aliança e em função disto ela também deixou de usar. Em função de um sócio da empresa tiveram problemas com a justiça e tiveram que se divorciar para colocar a empresa no nome dela. Mariana diz estar muito deprimida sem Marcos, sente vontade de morrer; expressa muita raiva dele e Marcos teme que ela possa prejudicá-lo em relação à empresa, já que está no nome dela. Marcos saiu de casa após a semana de férias, depois de três sessões. Estão legalmente separados, fisicamente separados, porém buscam ajuda para separarem-se. O que falta separar? Mariana diz que não pode ficar sem o cheiro e a voz de Marcos; queixa-se da presença ausente dele. A angústia de Mariana diante da separação é de aniquilamento.

Para ser capaz de fazer o luto das idealizações e ilusões infantis, diz Vilhena (1991), é preciso que haja um objeto vivo ao longo do desenvolvimento que permita à criança utilizá-lo para a significação de sensações físicas e psíquicas, para, aos poucos, ir apropriando-se de si e percebendo o outro, sem aniquilar-se. Caso contrário, a ausência do outro pode ser catastrófica, aniquiladora e a solidão insuportável.

"O desaparecimento desse ser indispensável continua a me privar da parte mais válida de mim mesma: eu o vivo como um golpe ou uma privação para, contudo, descobrir que minha aflição é apenas e apenas o adiamento do ódio ou do desejo de domínio que nutro por aquele que me traiu e me abandonou" (KRISTEVA, 1989).

Marcos diz que sempre se virou sozinho, nunca pôde contar com a família. Sua mãe morreu quando tinha 14 anos e o pai deixou os filhos. Tem a idéia de que tem que resolver seus problemas sozinho, não sente necessidade de dividi-los. Mariana tem muitos irmãos e diz que brigavam muito, sua mãe era autoritária e o pai ausente como Marcos. Pensa que, talvez por isto, sempre foi de falar tudo que pensa e sente. Ambos têm insônia. Marcos diz que tem medo de falar as coisas para ela porque sempre interpreta mal. Ela discorda, dizendo que ela sempre tentou conversar com ele, mas ele se fecha, e que cansou de ficar ao redor dele, tentando se comunicar.

É assim que se reproduz o clima emocional deste casal nas sessões comigo. Clima emocional, conforme Puget e Berenstein (1993) é um conceito que explica a situação emocional vincular, um

"conjunto de emoções e sentimentos que funciona como sustentação de certas interações, difíceis de se traduzirem em palavras. É a síntese de uma zona de encontro imposta aos egos, à qual é impossível subtrair-se, sem a mediação de algum elemento modificador" (p113).

O clima emocional vincular predominante na sessão é tenso, mórbido, de silêncio fúnebre, de *não-comunicação*. Pensamos que este clima se

estabeleceu entre eles devido às histórias de cada um, do tipo de vínculo que o encontro deles gerou, mas, principalmente, porque cada um vive a relação conforme suas histórias particulares, sem possibilidade de produzirem algo novo e único, proveniente do vínculo. Eles se relacionam com os objetos internos que cada um tem dentro de si e não com o outro. Esta repetição das relações originais é algo que anda em direção contrária da construção do vínculo como algo novo. Ela queixa-se que ele não a convidava para sair e quando ela o convidava, ele sempre tinha uma desculpa para não sair. Ele diz que diversas vezes a convidou, mas ela sempre achava um empecilho, ou no lugar; ou nas pessoas. Esta não coincidência ocorre porque há um registro diferente de espaço e tempo de cada um. Para Puget e Berenstein (1993),

“Toda zona de encontro contém, implícito, um desencontro, que pode ser semantizado com predomínio tanático”(p113).

O clima vincular se formará de acordo com as zonas de encontro, relativas às emoções e sensações de bem-estar, onde há compartilhamento entre o casal; e/ou com as zonas de desencontro relativas às emoções e sensações de mal-estar, onde não há compartilhamento entre o casal. Podemos imaginar que nem Marcos, nem Mariana tiveram desempenhadas pelas suas próprias mães a função necessária para que desenvolvessem a capacidade de estarem sós e, portanto, o ingresso na vida amorosa ficou muito prejudicado. Quando decidiram comprar uma casa para casarem, estavam na busca de uma casa, de um continente e não de um casamento. Ambos carregam um sentimento de solidão ao longo da vida. A separação permeou o relacionamento deles o tempo todo. Agora que terminaram de comprar a casa, não têm mais motivos para ficarem juntos.

Seguem a doutrina espírita e Marcos acredita que tenha a missão de provedor, que pode ser que ele e Mariana tenham tido uma relação maternal ou paternal em outra vida. Ela exerce uma atividade artesanal, mas que não lhe garante o sustento; é Marcos quem a provê. Mesmo após ter saído de casa, manteve a rotina de ir buscar as filhas todos os dias de manhã antes de ir trabalhar, só não dorme mais em casa. Isto incomoda Mariana porque acha que só ela saiu perdendo com a separação.

Circula entre eles a fantasia de que Mariana pode enlouquecer ou se matar com a separação. Como Marcos se sente responsável por ela, não pode deixá-la. *Quando estão juntos, ele se sente anulado, quando estão separados, ela se sente anulada.* Cabe dizer que estão diante de um paradoxo de morte, muito bem descrito pela seguinte frase: *Viver juntos nos mata. Separarmo-nos é mortal* (Caillot-Decherf, citado por Vilhena, 1991, p11 e 25).

“Um dos fundamentos da constituição do casal é o desejo ilusório de encontrar/reencontrar o objeto capaz de dar completude narcísica, nomeada diferentemente por vários autores, que deverá proteger a todos da tristeza, assegurar a continuidade do eu, dar um sentido à vida. A experiência da realidade e a desilusão que se segue a ela podem precipitar no sujeito a cólera, ao perceber que o outro não pode atender às suas expectativas” (Vilhena, 1991, p24).

Marcos e Mariana estão emocionalmente inseparáveis, pois cada um cumpre uma função para o outro, para a manutenção de suas próprias impossibilidades. Conforme Vilhena (1991), pensamos que impera a repetição ao invés do desenvolvimento a partir das diferenças. Predomina o paradoxo tanático que engaja o casal na determinação de destruir-se enquanto casal, em prol da sobrevivência narcísica de cada um. Porém este movimento trava também o desenvolvimento de cada um. Em veredas, o que se repete/ Parece que o pilar marcador da repetição vem de Marcos: A morte da mãe e o abandono do pai na adolescência. A doutrina espírita, o vingar-se e cuidar da mãe, morta de algum modo não esclarecido e a presentificação da separação com o abandono que o pai impôs aos filhos. Apesar de dizer que Marcos sempre foi indiferente a ela, Mariana diz que

quando teve câncer de mama, ele foi extremamente cuidadoso e atencioso. Procura dar-lhe tudo que precisa, materialmente falando. Ela teve de fazer uma cirurgia no ovário e por isto, ficaram uma semana sem vir. Na semana seguinte, ao final da sessão, ela sente dor e ele diz que está na hora de ir embora. Quando Mariana solicita um atendimento individual para ela, ele diz qual o melhor horário para ela ir. Quando ela diz que quer procurar um emprego fixo, ele discorda, achando que ele sabe uma melhor alternativa para ela.

Se ele não se mantém nesta função de cuidador, seu colorido narcísico fica ameaçado. À medida que o paradoxo de morte vai ficando mais evidente, percebemos, também, que o tipo de vínculo que eles estabeleceram é o de *amparador-desamparado* (Puget e Berenstein, 1993). Estes autores propõem três tipos de vínculos de casal: *dual*, *terceiridade limitada* e *terceiridade ampla*. Dentro do vínculo *dual*, identificam, dentre outros, um tipo de vínculo que denominaram *complementaridade enlouquecedora*, onde estaria localizado o vínculo *amparador-desamparado*. Este tipo de vínculo dual é derivado da modalidade de funcionamento *objeto único*, onde um tem a função de assistente do outro. Existe uma falha na função de significação, simbolização, produtora de um estado de confusão, explicitada por eles nas confusões de interpretação do discurso de cada um e no modo operativo como *personificam* mortos de um e de outro, crípticos, para mantê-los vampirescamente vivos. O desenvolvimento de cada um fica impedido de complexificar-se e há um predomínio tanático – estagnação, compulsão a repetição e os afetos dominantes são da ordem da violência, irritação, hostilidade. No caso de Marcos e Mariana, ele é o amparador e ela é quem expressa os afetos, sempre no tom da mãe morta parasitando o *self* de Marcos e queixando-se que o pai foi embora e abandonou a todos.

Puget e Berenstein (1993) mostram que as relações sexuais, neste tipo de vínculo, ocorrem em nível pré-genital. A cotidianidade é satisfatória quando sustentada pelo amparo. Mas quando a complementaridade não funciona, aparece a impossibilidade da coincidência. Marcos e Mariana manifestam que não têm interesse sexual genital um pelo outro.

Outro aspecto do caso a ser considerado são as relações de poder, que, conforme Berenstein (2002), podem produzir subjetividade ou desubjetivar tanto o vínculo quanto cada sujeito envolvido nele.

“Caracterizamos o poder como as ações e a experiência emocional que se constitui numa relação de imposição entre um sujeito e outro que leva a uma modificação do corpo e da subjetividade. Resulta de um posicionamento em lugares onde a comunicação se estabelece entre alguém que impõe e alguém a quem é imposto. (...) é uma ação possível ou um saber fazer do sujeito na relação com o outro” (Berenstein, 2002, p51).

Marcos quer se separar de Mariana sem abrir mão de seu papel de amparador, pois assim ela se mantém como a doente e ele o saudável. Ele bem arrumado, bem sucedido profissionalmente; ela com aspecto e indícios de um funcionamento psicótico, sem poder desenvolver seu talento e prover seu próprio sustento. É assim que circula a libido entre eles, na disputa por poder no vínculo: ela o mantém sob seu comando devido a sua fragilidade e através da *empresa* (mãe) que está em seu nome. Ele a mantém dependente dele financeiramente e para locomover-se. Ambos estão afetivamente ligados pelas necessidades e fragilidades de cada um. Não há espaço neste vínculo para a (s) diferença (s), para dois: dois desejos, dois bem sucedidos, duas formas de pensar, de sentir. É ou um; ou outro e sempre na casa dos espelhos. Este é o paradoxo mortífero e a busca de tratamento para o vínculo é um indicativo de saúde. Marcos quer se separar da mãe e da própria angústia de separação; o problema será a reconstrução simbólica destes anseios.

Referências Bibliográficas

1. BERENSTEIN, Isidoro. Conferência: mundo interno y mundo vincular. Hermanas Hospitalarias de Saint Bois. Barcelona, fevereiro de 1998.
2. BERENSTEIN, Isidoro. O sujeito e o outro. Buenos Aires: Paidós, 2001.
3. KLEINER; Yolanda; PACHUK, Carlos. Sexualidad y conyugalidad. In: PUGET, Janine (org.). La pareja. Encuentros, desencuentros, reencuentros. Buenos Aires: Paidós, 1996. Cap.3, p. 197-148.
4. KRISTEVA, Julia. Sol negro. Depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
5. PAHN, Alicia; WOSCOBOINIK, Pola. Paradoja en el vínculo de pareja. In: PACHUK, Carlos; FRIEDLER, Rasia (coord.). Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares. Argentina: Ediciones del Candil, p. 317-320.
6. PUGET, Janine; BERENSTEIN, Isidoro. Psicanálise do casal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
7. RIENZO, Nélica di. Lo ponemos...Lo sacamos...Dónde lo ponemos...? Al uno que no hay. Ilusión de fusión que sostiene imaginariamente el amor.

Actualidad psicológica. Argentina: julho de 2004.

8. SPIVACOW, Miguel. La perspectiva intersubjetiva y sus destinos: la terapia psicanalítica de pareja. Revista de Psicoanálisis. Julho de 2002, n11.
9. VILHENA, Junia de (org.). Escutando a família. Uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

Endereço do autor: lisieellwanger@hotmail.com